

# Governo estuda fórmulas para reduzir pagamentos ao exterior

por José Fucs  
de São Paulo

O governo brasileiro está apenas aguardando o "momento adequado" para iniciar junto aos credores internacionais do País entendimentos com o objetivo de reduzir, através de fórmulas não convencionais, as transferências líquidas de recursos ao exterior para pagamento dos juros da dívida externa, informou ontem o assessor para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral.

Entre as fórmulas que poderão ser sugeridas, a partir do próximo ano, pelo governo brasileiro para o equacionamento definitivo da dívida externa, de acordo com Amaral, está a securitização da dívida, uma proposta feita originalmente pelo ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira e bastante criticada, na época, pelos bancos credores. O assessor ministerial ressaltou, contudo, que essas fórmulas deverão seguir o mesmo "espírito cooperativo" que norteou o acordo alcançado recentemente com os bancos credores.

A securitização da dívida poderá ser viabilizada, segundo Amaral, agora, devido ao aumento da capacidade de financiamento do Banco Mundial (BIRD), a partir do aumento de capital da instituição. "A aprovação do aumento de capital do Banco Mundial é muito importante e poderá permitir uma participação mais efetiva do BIRD na questão da criação de um mecanismo para apoiar o processo de securitização da dívida", explicou Ama-

## "Proposta veio tarde"

por José Fucs  
de São Paulo

"Os bancos norte-americanos vão ter, em 1988, o maior lucro de sua história", afirmou ontem o ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira, ao comentar o acordo firmado pelo País com os bancos credores internacionais.

Bresser voltou a defender a sua proposta de reduzir o montante da dívida, calculado em cerca de US\$ 110 bilhões, pela metade. "Temos de cortar, unilateralmente, a dívida externa pela metade, que é quanto custa um título brasileiro no mercado secundário internacional", disse Bresser.

Segundo ele, a disposição do governo brasileiro de promover uma securitização da dívida "veio um pouco tarde, depois de um acordo lamentável celebrado com os credores". Bresser disse que isso deveria ter sido feito durante a moratória, "a única arma que o Brasil ti-

nha". Para o ex-ministro, "a única forma de o País conseguir reduzir substancialmente o montante de sua dívida externa é pressionando os bancos.

Bresser contou que o presidente da República, José Sarney, já havia aprovado a declaração pelo País de que só metade da dívida externa seria paga, mas desistiu da medida, pois ela precisava vir acompanhada de um "ajuste fiscal" — medida para a qual Sarney não demonstrou "vontade política".

### POLÍTICA MONETÁRIA

Bresser criticou a atual política monetária desenvolvida pelo Banco Central. "A política monetária com uma inflação elevada tem de ser passiva", disse. Ele calculou que a elevação das taxas dos títulos públicos (OTN) para cerca de 20% ao ano em termo reais provoca um crescimento de aproximadamente US\$ 9 bilhões da dívida externa, estimada em US\$ 40 bilhões. "Quem está no 'over' está fazendo a festa".

ral. "Não basta, no entanto, possuir os recursos, precisa tomar a decisão política", acrescentou.

Ele disse que o BIRD pode criar uma agência para a dívida externa com o objetivo de viabilizar a compra de títulos de países endividados no mercado secundário, com desconto, e seu repasse posterior dos títulos a esses mesmos países pelo seu valor de mercado.

Outra possibilidade, segundo ele, seria a de o BIRD garantir o lançamento de títulos pelos países devedores para que os bancos possam converter "dívida velha" em "dívida nova". Nesse caso, um banco com um título de um país endividado converte esse papel

em um novo título, com desconto sobre o valor de face, a uma taxa de juro fixa de 6% ao ano, abaixo do patamar de taxas praticado pelo mercado.

### NAKASONE

Amaral disse que uma missão japonesa esteve ontem no Ministério da Fazenda, em Brasília, examinando os projetos apresentados pelo governo brasileiro para recebimento de recursos do Plano Nakasone, cujo total alcança cerca de US\$ 30 bilhões. Otimista, ele acredita que o País tem "grandes chances" de receber até US\$ 5 bilhões desse total.

Ele fez essas declarações após participar de encontro reservado com empresá-

rios e executivos de instituições financeiras, promovido pelo World Economic Forum, como representante do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. O ministro ficou retido em Brasília para "amarrar" as medidas de ajustes fiscal e monetário em gestação no governo.

Embora considere que o acordo firmado recentemente pelo Brasil com os bancos credores "trouxo um resultado positivo", Amaral acredita que esse acordo "não representa a solução definitiva para o problema da dívida externa". Segundo ele, o pacto social favorece a disposição do governo de buscar novas fórmulas para equacionar a questão.